

PAPO DE MÃE: QUE PAPO É ESSE?

Diana Lusa¹
Marli Cristina Tasca Marangoni²
Rita de Cássia Silva Dionísio Santos³

Resumo: Ancorado na sociologia do cotidiano e situado no campo da linguagem, este estudo lança um olhar a um grupo fechado de rede social que aborda conteúdos sobre maternidade. Aprofundamos a nossa atenção sobre o maternar, a partir dos conteúdos das postagens das mães no grupo chamado Papo de Mãe. A opção por examinar as publicações do grupo fechado – em detrimento da análise de comunidades abertas da mesma rede social – deu-se por se tratar de um espaço em que as pessoas podem interagir de maneira mais direta, trazendo questões de âmbito pessoal e privado. O objetivo principal deste estudo é analisar uma situação cotidiana voltada a questões maternas, à luz da sociologia do cotidiano. Em decorrência do período de pandemia, entre os anos de 2020 e 2021, optamos por analisar uma situação cotidiana virtual, tendo como problemática de estudo: o que é considerado ‘papo de mãe’ e, mais especificamente, o que as mães discutem entre si nas redes de apoio que buscam virtualmente? Analisando as escritas do grupo, separamo-las em quatro temas, observamos o número de ocorrências e atribuímos uma reflexão a cada um desses pontos, a fim de pensá-los no cotidiano. O papo que aprofundamos gira em torno do cuidar, do comemorar, do envolver-se no mar da pandemia e do corre-corre cotidiano.

Palavras-chave: Cotidiano; Mãe; Maternar; Rede Social Virtual; Linguagem.

1 Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul; Universidade de Caxias do Sul. E-mail: dianalusers@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1023-0283>

2 Universidade de Caxias do Sul e Rede Municipal de Ensino de Bento Gonçalves. E-mail: marli.ctasca@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2581-5404>

3 Universidade Estadual de Montes Claros/UNIMONTES e Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG. Desenvolve projeto de pesquisa com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais/FAPEMIG. E-mail: cassiadionisio@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7765-0701>

Mother's talk: What's this about?

Abstract: Anchored in the sociology of everyday life and belonging to the language field, this study cast a glance at a closed group of a social network that approaches contents about maternity. We deepened our attention on mothering from the contents of the mothers' posts in the group called Papo de Mãe. The choice to examine this closed group's posts - at the expense of the analysis of open communities of the same social network - was made because it is a space where people can interact more directly, bringing up their personal and private issues. The main objective of this study is to analyze an everyday situation concerning maternity issues under the light of everyday sociology. Due to the pandemic period between the years 2020 and 2021, we chose to analyze a virtual everyday situation, having as a study problem: what is considered to be 'mother's talk' and, more specifically, what mothers discuss to support each other in the networks. Analyzing the group's writings, we separated them into four themes, observed the number of occurrences and attributed a reflection to each of these points in order to think about them in everyday life. The conversation we deepened revolves around caring, celebrating, getting involved in the sea of the pandemic and the daily rush.

Keywords: Daily life; Mother; Mothering; Virtual Social Network; Language.

PARA INÍCIO DE CONVERSA

*Mãe: "Mãe entende e depois vai dormir". (Juan Alzate, 6 anos)
(Javier Naranjo. In: Casa das estrelas)*

Como se define uma "mãe"? Sobre o quê as mães conversam umas com as outras? Como determinado "papo" pode ser entendido como característico ou próprio de mães, isto é, como se entende um diálogo como provável de acontecer em meio a esse papel social e historicamente delineado de um grupo de seres humanos? Na definição infantil colhida por Javier Naranjo, mãe é alguém que

compreende e talvez que perdoa; e que só depois vai dormir: espera-se dela a sapiência e a maturidade para acolher o que outros não entenderiam; e essa compreensão parece autorizar o seu descanso posterior. Mas como essa delimitação do ser materno é instituída como verdadeira e possível?

Através das experiências de homens e mulheres, as crianças se apropriam dos significados do ser e do estar no mundo, de suas interações com os outros. Divisões e bipartições entre homens e mulheres, masculino e feminino, servem a grande variedade de funções políticas, econômicas, sociais, e nem sempre são claramente explicitadas, mas às vezes são transmitidas de maneira implícita através da linguagem e outros símbolos. As diferenciações entre esses grupos não são naturais ou essenciais mas, uma vez constituídas, reforçam a essencialidade de gênero (TOMASINI, 2008). Com vistas a essa *essencialidade construída*, foram lidas as interações em um grupo de *Facebook*⁴ denominado *Papo de Mãe*, durante um mês.

O cotidiano, conforme José Machado Pais (1993, p. 109), “[...] manifesta-se como um campo de ritualidades”. E, se há um ritual, e se algo é comum e que não causa estranhamento, provavelmente aconteça cotidianamente sem grandes questionamentos de seus porquês. Há uma repetição de algo *que é como é e porque é*. Como afirma Pais (1993, p. 108), “[...] o importante é fazer insinuar o social, através de alusões sugestivas ou de insinuações insidiosas, em vez de fabricar a ilusão da posse. [...] A posse do real é uma verdadeira impossibilidade.”. E, no horizonte dessas afirmações, este estudo busca pensar o cotidiano de mães a partir da sua linguagem, a partir do modo como se manifestam acerca do ser mãe, nos pedidos e questionamentos que fazem a outras mães.

4 Rede social on-line.

Assim, o objetivo principal deste estudo é observar uma situação cotidiana e analisá-la à luz da sociologia do cotidiano. Em decorrência do período de pandemia, entre os anos de 2020 e 2021, optamos por analisar uma situação cotidiana virtual, tendo como problemática de estudo: O que é considerado ‘papo de mãe’ - o que as mães discutem entre si nas redes de apoio que buscam virtualmente? Este trabalho surge de um olhar lançado para um fato cotidiano de interação através da leitura e da escrita, que pode ter se fortalecido em tempos de pandemia⁵: os grupos e comunidades de uma rede social. Inicialmente, contextualizamos, na seção seguinte, o que são grupos fechados, comunidades e site de notícias em uma rede social. Depois, nas próximas seções, aprofundamos nossa reflexão a partir das escritas das mães no grupo privado *Papo de Mãe*.

CONTEXTUALIZANDO AS ORGANIZAÇÕES VIRTUAIS

Com um olhar de quem cria e vai aprendendo enquanto cria (PAIS, 2013), olhamos para três organizações virtuais que têm nomes similares: um grupo fechado do *Facebook*, chamado *Papo de mãe*, com uma média de 14 mil membros, da região de Passo Fundo/RS; uma comunidade com o mesmo nome do grupo, *Papo de Mãe*, e uma comunidade chamada *Papo de pai*. No quadro 1, é possível visualizar a organização das três comunidades referidas:

Quadro 1 – Descrição do perfil do grupo e das comunidades

Nome	Papo de mãe	Papo de mãe	Papo de pai
------	-------------	-------------	-------------

5 Entre 2020 e 2021 enfrentamos a pandemia pelo Coronavírus, o que dificultou a convivência de forma presencial, e as redes sociais e formatos digitais de comunicação, como chamadas de telefone por vídeo, ganharam força, no intuito de manter o contato com familiares, amigos, pessoas próximas.



Número de membros/ seguidores	14.136	42.261	1.148.505
Tipo	Grupo fechado	Site de notícias e mídia	Comunidade
Descrição	<p>Criado em 2015. Privado: somente participantes podem ter acesso às publicações. Orienta-se ser simpático e gentil e respeitar a privacidade dos membros. Também há descrição de regras de participação, lembrando firmemente que somente médicos podem receitar medicações.</p>	<p><i>Criado por Mariana Kotscho e Roberta Manreza. Portal de notícias sobre a vida em família, saúde, educação, comportamento e direitos das mulheres. Falamos sobre gravidez, infância, adolescência e muito mais!</i> (Descrição que está no site).</p>	<p><i>O Papo de Pai fomenta a mudança de comportamento dos homens tornando-os mais conscientes de suas ações, promovendo o autoconhecimento e desenvolvendo competências para que possam participar ativamente na criação seus filhos.</i> (Descrição que está no site).</p>

Dados de 06 de setembro de 2021.

Elaborado pelas autoras, 2021.

Nos grupos fechados, os membros são adicionados por pessoas que já fazem parte do grupo. É necessário ser convidado para entrar ou solicitar a entrada e ter a solicitação

aceita: só assim é possível fazer parte das interações, ler o que é publicado e escrever nesse espaço. Desse modo, somente membros fazem parte das discussões, enunciam dúvidas e participam dos debates que surgem. Trata-se de uma organização de pessoas que têm algo em comum; no caso deste grupo, a maternidade. As páginas classificadas como *comunidade* ou *site* dentro da rede social veiculam um conteúdo específico que os seguidores dessas páginas verão e que poderá ser objeto da sua interação, conforme seu interesse, contando experiências pessoais, concordando, discordando. Optamos por aprofundar aqui a observação no grupo fechado, trazendo na sequência um quadro dividido sobre as temáticas das publicações do mês de agosto de 2021, para, depois desta visão geral, realizar uma discussão acerca das temáticas de maior destaque nessas interações. A opção pelo grupo se deu por ser esse um espaço em que as pessoas podem interagir de maneira mais direta, trazendo suas questões mais cotidianas. Diferentemente das comunidades, que trazem conteúdos previamente selecionados, no grupo, qualquer membro pode propor a pauta, dividir suas inquietações, pedir ajuda de forma que todas as demais mães vejam. Antes de iniciar a discussão a partir do grupo, é necessário destacarmos um importante aspecto sobre as outras duas páginas: o número de seguidores.

A página (*site*) *Papo de mãe* é dirigida por duas jornalistas, conforme descrição em sua apresentação inicial, e tem 42.261 seguidores. Esse *site* traz conteúdos diversificados sobre infância, crianças, alimentação, saúde, entre outros. Não há muita interação dos seguidores nas publicações do *Facebook*. A página (comunidade) *Papo de pai* é dirigida por um homem, provavelmente pai – o que é possível de ser percebido através da foto de capa do espaço, que o mostra na companhia de duas crianças; essa página tem 1.148.505 seguidores. Traz matérias sobre saúde, alimentação, crianças, entre outras, e também veicula fotos e vídeos pessoais de viagens em família. Faz perguntas sobre a relação pai-mãe e filhos em algumas

postagens, no intuito de interagir com seguidores. Mais da metade das respostas e interações são de mulheres. O maior número de seguidores em uma página gerenciada por um homem-pai chama a atenção, pois indica que as falas e orientações sobre o *cuidado*, que ainda vêm sendo enorme, cultural e socialmente atribuída às mulheres, são mais ouvidas quando proferidas por um homem – aspecto que, minimamente, pode apontar para o patriarcalismo de que somos tributários. Essas duas realidades virtuais nos fazem lembrar das afirmações de Simone de Beauvoir (2019, p. 11-12), as quais transcrevemos:

O homem representa ao mesmo tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos “os homens” para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo latino *vir* o sentido geral do vocábulo *homo*. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. Agastou-me, por vezes, no curso de conversações abstratas, ouvir os homens dizerem a mim: “Você pensa assim porque é mulher.” Mas eu sabia que minha única defesa era responder: “Penso-o porque é verdadeiro.” Não se tratava, em hipótese alguma, de replicar: “E você pensa o contrário porque é homem”, pois está subentendido que o fato de ser um homem não é uma singularidade; um homem está em seu direito sendo homem.

A disparidade de acessos entre os ambientes mencionados também nos remete às palavras de Virginia Woolf sobre quem escreve o quê: quem fala sobre as mulheres são os homens (WOOLF, 2014, p. 52-54). O que queremos mencionar é que, mesmo um assunto que vem sendo direcionado às mulheres há muito tempo, como é a relação com filhos, os cuidados com as crianças, a vida familiar, quando o assunto é dito ou contado por homem, parece despertar mais olhares, mais escutas, mais ponderações. Isso corrobora o notável silenciamento das mulheres através da

história: relegadas a espaços em que não exercem o poder de fala (a sua expressão política de sujeito), também se lhes tira a autenticidade, transmutando a sua voz em um som subversivo e que, por isso, deve ser ignorado. O homem, como descreveu Simone de Beauvoir (2019), segue sendo o positivo e o neutro.

Voltemos ao grupo fechado: a opção por examinar as publicações do grupo fechado deu-se por se tratar de um espaço em que as pessoas podem interagir de maneira mais direta e espontânea, trazendo questões de âmbito pessoal e privado. Nessa perspectiva, compreendemos ser esse o formato que melhor possibilitaria a compreensão do que se pode nomear como “papo de mãe”. As comunidades, ao contrário, trazem conteúdos previamente selecionados e as seguidoras e os seguidores podem interagir a partir dos conteúdos, comentando-os, mas não propondo seus próprios pontos de discussão. Por isso da escolha do aprofundamento no grupo fechado.

PAPO DE MÃE: ESCRITAS DO GRUPO FECHADO

No quadro 2, visualizamos as temáticas das publicações do grupo fechado *Papo de mãe*, no mês de agosto de 2021, que teve o total de 74 tópicos registrados com as respectivas respostas/interações. As questões principais dos tópicos buscam indicações de serviços, opiniões sobre os mesmos, dúvidas pontuais. No Quadro 2 – Temáticas abordadas no grupo fechado, as ocorrências do mês são separadas em quatro temáticas, identificadas com o número de ocorrências de cada uma e, na coluna à esquerda, é atribuída uma expressão a cada tema, com o intuito de pensá-los no cotidiano.

Quadro 2 – Temáticas abordadas no grupo fechado

Papo de mãe: publicações de agosto de 2021

Tema	Quantidade de Ocorrências	Que papo é esse?
Saúde da criança	30	Cuidar
Festas infantis (bolo temático, decoração)	9	Comemorar
Dúvidas maternas	5	Envolver-se no mar da pandemia
Outras questões do dia a dia: transporte escolar, academias para crianças, roupas infantis, faxineira, babá, infiltração.	30	Corre-corre cotidiano

Elaborado pelas autoras, setembro de 2021.
Dados de 06 de setembro de 2021.

Por que os temas foram divididos dessa forma? Foram divididos por ocorrência, por número de interações e, também, considerando, no caso das dúvidas maternas, o momento de pandemia que vivemos desde março de 2020, o qual teve relação estreita com a nossa noção de realidade, ao nos colocar, por um tempo considerável, isolados em nossas casas com muitas de nossas angústias e medos, até que se encontrassem estratégias comprováveis de contenção do mortal vírus. O *cuidar* envolve especial atenção nas discussões, em especial o cuidar da saúde física das crianças, o buscar por profissionais da área médica e suas respectivas recomendações; esse foi o tópico que, além do maior número de postagens, teve grande interação das demais mães nas respostas de cada assunto. A procura por *comemorar*, através da

busca por salões, bolos e decorações temáticas, ainda que tenha tido nove tópicos de postagens, foi o assunto mais comentado no grupo, quando analisado cada tópico separadamente; uma procura por bolo de aniversário, por exemplo, teve 102 respostas, apresentando com destaque o maior número de respostas entre todas as postagens. *Envolver-se no mar da pandemia* obteve poucas ocorrências em número de publicações relacionadas a pedidos de ajuda, em comparação às outras três temáticas analisadas aqui, mas teve bastante interação das demais mães, tentando ajudar com o problema posto.

Dúvidas e questionamentos como os que se seguem figuram no grupo/comunidade: “O que fazer com uma criança que só dorme com a mão no seio da mãe?”, “O que fazer se sua criança não dorme mais de três horas seguidas?”, “Que atividade fazer com um bebê de um ano e oito meses que não sai de casa devido à pandemia?”, “Como saber se meu filho de dois anos e três meses é uma criança com aprendizagem precoce ou altas habilidades?”, “Como está sendo a realidade de mães que voltaram da licença maternidade neste ano de 2021?”, “A quem recorrer neste período pandêmico para dar conta das angústias solitárias que surgem quando se está, dia após dia, em casa, com uma criança que estamos aprendendo a conhecer?”

No papo *Corre-corre cotidiano* foram agrupados outros assuntos que podem ser entendidos como de ordem mais prática, os quais tiveram menos interações. As quatro conversas identificadas nesse *papo* serão discutidas na sequência, dando-se maior ênfase ao *cuidar*.

CUIDAR

*O cuidado de minha poesia
Aprendi foi de mãe
mulher de pôr reparo nas coisas
e de assuntar a vida.
(Conceição Evaristo)*

Os versos de Conceição Evaristo referidos sublinham que o cuidado com que o sujeito poético trata a poesia foi aprendido junto à figura materna, que perscrutava a vida atentamente. Ora, é possível dizer que o **cuidado** (Figura 1) é atribuído à ideia que se tem de “feminino”, de mulher, mesmo que também existam homens desempenhando ocupações consideradas femininas. Conforme Marília Pinto de Carvalho (2005), nossa cultura compreende a masculinidade e a feminilidade em termos bipolares; assim, o trato com as emoções seria considerado terreno feminino. As emoções e o cuidado infantil são tidos como femininos e feminino é entendido como sinônimo de mulheres. Em nossa história “os homens sempre dominaram as mulheres” (CARVALHO, 2005, p. 106), o que acaba resultando uma explicação única primeira dessa relação; explicação que, segundo a autora, aproxima-se do naturalismo e do essencialismo.

Figura 01 – O cuidado

Elaborado pelas autoras, setembro de 2021.

O papel atribuído às mulheres vem sendo construído ao longo da história, desde a Grécia antiga. O movimento higienista surgido no Brasil no final do século XIX e início do século XX veio reforçar e reafirmar esse papel social feminino. O movimento surgiu com o intuito de cuidar da população, educando e ensinando hábitos de higiene e alimentação, impondo o que se pode nomear como uma “disciplina do corpo”; a mulher-mãe ganhou um papel de destaque nas famílias: a ela, pessoa que cuidava dos filhos e do marido, eram dirigidos os conselhos e ensinamentos desse novo movimento, através de jornais e revistas destinadas ao público feminino, que reforçavam o papel de submissão da mulher e de superioridade do homem (SILVA, 2017, p. 11). As mulheres (mães e professoras) passaram a ser o alvo da nova política sanitária.

A “mulher-mãe”, com seu carinho e afetividade, iria educar os filhos contra as degenerações sociais, a “mulher-professora” complementar a educação recebida em casa sobre os perigos dos vícios, a “mulher-noiva”, pela sua paixão, conseguiria estancar o mau comportamento do noivo causado pelas más companhias, a “mulher-esposa”, pelo seu amor e carinho, conseguiria muito do seu marido, evitando que o mesmo caísse no vício do álcool. A mulher, enfim, deveria ser uma aliada dos progressos higienistas (SILVA, 2017, p. 14).

A mulher, mãe e esposa que, com o movimento higienista, passou a ser vista como a rainha do lar, tornou-se a responsável por resgatar os seus de todas as mazelas dos vícios, da má alimentação e da falta de higiene.

Mesmo com o movimento feminista, que ganha força também no final do século XIX, cresce a construção do papel da mulher como salvadora através do cuidado, tendo direcionados a ela muitos manuais de saúde, avisos em jornais e revistas femininas, com orientações higienistas. Silva (2017) pontua que o movimento higienista das décadas de 1950 e 1960, em revistas direcionadas às mulheres e em manuais de saúde, contribuiu para a construção de uma imagem feminina que perdura até os dias atuais. É possível notar isso quando percebemos as preocupações maternas em relação à saúde dos filhos: mais da metade das escritas no grupo de mãe buscam orientações sobre especialidades médicas ou referências de atendimentos de especialistas específicos.

O cuidado, assim como o amor, o afeto, ainda está associado às mulheres-mães. Elas formam os grupos fechados de discussão sobre a saúde dos filhos. De uma maneira geral, buscam médicos, informações, agendam consultas e compartilham as experiências com as demais mães em viagem nesse percurso da maternidade. Ao desempenhar atitudes associadas ao zelo vigilante da maternagem, as mães buscam

corresponder a uma expectativa ligada ao papel social e, ao ensinar, pelo exemplo, tais comportamentos às filhas, tendem a reforçar a associação deles com o feminino.

COMEMORAR

*Minha mãe me deu um rio.
Era dia de meu aniversário e ela não sabia o que me presentear.
Fazia tempo que os mascates não passavam naquele lugar esquecido.
Se o mascate passasse a minha mãe compraria rapadura
Ou bolachinhas para me dar.
Mas como não passara o mascate, minha mãe me deu um rio.
Era o mesmo rio que passava atrás de casa.
Eu estimei o presente mais do que fosse uma rapadura do mascate.
[...]
(Manoel de Barros)*

Como tornar especial o dia do aniversário das crianças? E como fazê-lo em espaços reclusos, como o ilustrado pelos versos acima, ou em tempos de isolamento, como o vivido pelas mães no período em foco? Cultivar a memória e celebrar rituais que ensejem as diferentes etapas do crescimento infantil são também incumbências que as mães têm tomado para si e, isso, em contexto de incertezas, apreensões e medos – como o da experiência pandêmica – ganha, certamente, contornos ainda mais relevantes.

De fato, *comemorar* foi o assunto mais comentado no grupo. Por um lado, o tópico teve somente nove pedidos de ajuda, para busca de bolos, salões de festas e decorações temáticas. Por outro, teve muitas interações das demais mães – comparando-se aos demais tópicos –, que indicaram locais para festas infantis, confeitarias, decorações, lojas e uma variedade de sugestões ligadas às comemorações. Comemorar é, de certa forma, criar memórias, individuais ou coletivas de um acontecimento, de um rito, de uma passagem – no caso analisado, o aniversário das crianças. Consoante Chartier (2020, p. 21), a memória confere “uma presença ao passado”

que pode ser muito poderosa. Na intenção de criar e de ajudar a criar boas memórias, muitas mulheres-mães se mobilizam para apoiar as demais na organização deste momento que será lembrado – ou que se espera que seja lembrado – como um momento feliz, pleno, leve, de sorrisos. Um momento que pode sair da linearidade do dia a dia para ser diferente, único, especial, *lembrado e contado*.

ENVOLVER-SE NO MAR DA PANDEMIA

[...] *Afugenta este espaço que me prende*
Afugenta o infinito que me chama
Que eu estou com muito medo, minha mãe.
(Vinicius de Moraes)

Estar imersa no mar da pandemia significou, para muitas mães, uma sobreposição de papéis, pois à incumbência de estar com os filhos em um espaço limitado e em um tempo permeado pelo medo, somou-se, muitas vezes, a necessidade de protegê-los, de velar pela sua saúde física e emocional. Conflitos, dificuldades e demandas até então inexistentes tomaram forma, com a instauração desse novo cotidiano.

O cotidiano seria, de acordo com Pais (1993, p. 108), “o que no dia a dia se passa quando nada se parece passar, [...] na vida que escorre, em efervescência invisível”, isso porque “o que se passa’ tem um significado ambíguo próprio do que subitamente se instala na vida, do que nela irrompe como novidade [...], mas também do que nela flui e desliza numa transitoriedade que não deixa grandes marcas de visibilidade”. Que marcas invisíveis tem deixado nas mães o cotidiano cerrado da pandemia? Denominamos *envolver-se no mar da pandemia* os pedidos solitários – ainda que feitos a um grupo – das mães, por alguma ajuda, por alguma dúvida sobre como lidar, sobre o que fazer com as filhas e filhos pequenos em casa.

Muitos discursos se cruzam no processo de tornar-se mãe. Fala-se em redes de apoios – seriam os grupos virtuais uma rede de apoio? –, mas ao longo do dia a dia dessa primeira

infância, acabam sendo, na maior parte das vezes, a mãe e sua criança descobrindo-se, buscando conhecer-se mutuamente, dando conta, um dia de cada vez, das incertezas da maternidade. Nessa mirada, é necessário ressaltar que os reflexos do movimento higienista acima referido ainda podem ser sentidos, quando à mãe é atribuído o *dom* de amar, de compreender, educar, controlar seu filho, de cuidar, assessorar, garantir todas as formas de bem-estar desta criança. A mãe ainda aparece como a responsável primeira pelo filho ou filha que *ela* trouxe ao mundo. No período da pandemia, essa *missão* ficou ainda mais marcada e exigiu ainda mais das mães, em esforço, em turnos de trabalho, *em dar conta*.

CORRE-CORRE COTIDIANO

Minha mãe dizia:

– *Ferve, água!*

– *Frita, ovo!*

– *Pinga, pia!*

E tudo obedecia.

(Paulo Leminski)

Nos versos de Leminski, acima, à simples ordem da mãe, move-se o espaço cotidiano. Tal como, nos tempos bíblicos, os atos de fala performativos de Deus deram origem ao universo e o organizaram, a voz materna e o seu “dizer” orquestram o mundo doméstico, na visão do sujeito poético. A obediência, valor imputado aos subalternos, de forma geral, e que, aqui, refere-se aos filhos, é transferida aos objetos da casa.

Entretanto, para além de meras enunciações verbais, a ordenação do lar demanda um exaustivo trabalho, que tende a ficar a cargo da figura feminina, da mãe, como no poema. Não é fácil perceber certos fazeres do dia a dia que já nos são “normais”. É preciso prestar atenção nos detalhes indiferentes (que fazem a diferença), “o olhar precisa esquadrinhar paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, seus gestos” (LOURO, 1997, p. 59). No *corre-corre cotidiano* estão

incluídas todas as escritas solicitando indicações práticas, coisas que *é preciso que sejam feitas*: colocar as crianças na academia, consertar o vazamento de casa, encontrar faxineira, babá, transporte... Os pedidos de ajuda neste ponto permitem a reflexão sobre quem está em casa, dando conta *daquilo que precisa ser feito*. O que é tido como “normal” ou “natural” está de tal forma internalizado em todas/os nós, que é difícil, em um primeiro momento, colocar em questão muitas coisas que acontecem, como por exemplo, quem resolve as urgências do dia a dia em casa, e tudo isso está “na ordem das coisas” (LOURO, 1997, p. 60).

Observando o estudo de Lourenço, Ramos e Lusa (2022, p. 251-252) sobre a análise da obra *Quarto de menina* de Livia Garcia-Rosa, adentramos, através da arte da literatura, no mundo do ser menina-adolescente-mulher. O olhar das autoras está voltado para “um conflito no qual uma menina vai assumindo sua identidade feminina de ser desdobrável”. E, nesse sentido, nota-se que as mães do grupo mostram-se desdobráveis, como nos lembram os versos de Adélia Prado (2022, p. 09): “[...] Vai ser coxo na vida é maldição pra homem./ Mulher é desdobrável. Eu sou.”

PARA FECHAR A CONVERSA

*Se a terra fosse mãe, seria mãe das sementes,
pois mãe é tudo que abraça, acha graça e ama a gente.[...]*
(Sylvia Orthof)

Para além de abraçar, admirar e amar, o exercício da maternidade tem incluído outros verbos de ação, tais como: perguntar, dialogar, aprender, pesquisar, dividir, compartilhar, ver... O acolhimento, que tende a ser naturalmente imputado ao ser materno, tem sido buscado pelas mães, em suas interações via redes sociais. Por envolver construções culturais, experiências e expectativas, a

maternagem coloca, especialmente às mulheres, mas também à sociedade como um todo, novos e velhos desafios.

Observando as trocas através da escrita entre mães durante um mês, é possível perceber alguns pontos. Chamamos a atenção, inicialmente, para a ausência de trocas ou pedidos sobre leitura, histórias, contação, literatura infantil. As trocas andam mais no sentido do cuidar – pensando especialmente na saúde –, das festas, das urgências e de algumas angústias maternas pontuais. Com o movimento higienista social anteriormente referido, criou-se uma imagem das “mães normais” – em geral, mulheres de classe média, que dispunham de tempo para atender aos seus filhos (WALKERDINE, 1995). Como já dito, essa imagem ainda ressoa nos modos contemporâneos de *ser mãe*, avultando, certamente, as mais variadas dimensões desse papel.

Sobre a leitura e a escrita, ainda que não haja, nos registros analisados, trocas sobre tais temas voltados para as crianças, as atividades sociais de ler e escrever aparecem mais presentes na vida cotidiana do que no passado: elas são amplamente utilizadas como forma de interação entre pessoas conhecidas e desconhecidas, que estejam vivenciando as mesmas experiências, como é o caso do grupo *Papo de mãe*: mães que interagem, através da leitura e da escrita, sobre suas experiências e dúvidas ligadas à maternidade.

Nesse sentido, é possível observar que as mães que fazem parte do grupo dominam o gênero textual utilizado e apropriaram-se do suporte utilizado, de forma que as trocas acontecem com naturalidade e podem ser comparadas a uma conversa de outros tempos, ou destes tempos, fora do período da pandemia.

Outro ponto para o qual gostaríamos de chamar a atenção é o de que as mães têm o direito de “pedir ajuda” em páginas, pois se considera que isso faz parte do universo feminino. Dificilmente será encontrado um grupo de pais no qual

exponham vivências, interajam, realizem trocas considerando suas experiências íntimas com seus filhos e filhas. O pai, quando fala, geralmente é para dizer como se faz, para dar exemplos, como é o caso da comunidade virtual mencionada no início desta escrita, gerenciada por um pai. Desconstruir a oposição binária mulher *versus* homem é uma forma de ressignificar as relações de poder. “Desconstruir a polaridade rígida dos gêneros [...] significa problematizar tanto a oposição entre eles quanto a unidade interna de cada um” (LOURO, 1997, p. 31-32). Dessa forma, é mister ressaltar que ainda temos um caminho a percorrer no sentido de problematizar papéis sociais e desconstruir posições fixas, que parecem imutáveis. A maternidade tem lugar entre esses papéis sociais em (re)construção, quando passa a ser ressignificada, discutida com seriedade e socialmente abraçada como a semente no seio da terra – para o que os *papos*, inclusive os *de mãe*, podem prestar imprescindível contribuição.

REFRÊNCIAS

BARROS, Manoel de. O menino que ganhou um rio. *In: Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*. Iluminuras de Martha Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010; p. 159.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

CARVALHO, Marília Pinto de. **No coração da sala de aula: Gênero e trabalho docente nas séries iniciais**. São Paulo: Xamã, 1999.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.



EVARISTO, Conceição. De mãe. In: **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008, pp. 79-80.

GARCIA-ROZA, Livia. **Quarto de menina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Galera Record, 2009.

LEMINSKI, Paulo. Minha mãe dizia. In: **Toda poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013; p. 39.

LOURENCO, Katiane. C.; RAMOS, Flávia Brocchetto; LUSA, Diana.. Encontros do feminino: autoria e (jovem) protagonista. In: Eliane Galvão, Rosa Cuba Riche. (Org.). **Literatura infantil e juvenil de autoria feminina: reflexões sobre valor estético e formação do leitor**. 1ed. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022, v. 1, p. 237-254.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MORAES, Vinicius de. Minha mãe. In: O caminho para a distância. Rio de Janeiro: Schmidt, 1933.

NARANJO, Javier (org). Mãe. In: **Casa das estrelas: o universo pelo olhar das crianças**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018; p.83.

ORTHOF, Sylvia. **Se as coisas fossem mães**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 2012.

PAIS, José Machado. Das nomeações às representações: os palavrões numa interpretação inspirada por H. Lefebvre. **Etnográfica** [Online], vol. 19 (2) | 2015, 267-289.

PAIS, José Machado. Nas rotas do cotidiano. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. N° 37, junho/1993, pp. 105-115.



PAIS, José Machado. O cotidiano e a prática artesanal de pesquisa. **Revista Brasileira de Sociologia**, Sociedade Brasileira de Sociologia, vol. 01, Janeiro-Julho de 2013, pp. 107-128.

PRADO, Adelia. Com licença poética. *In*: **Bagagem**. Rio de Janeiro: Record, 2022.

SILVA, Poliana Moreira. **Movimento higienista**: construção da figura feminina. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Universidade Federal de Uberlândia, 2017.

TOMASINI, Marina. Categorización sexual y socialización escolar em el nivel inicial. *In*: MORGADÉ, Graciela e ALONSO, Graciela (compiladoras). **Cuerpos y sexualidades em la escuela**: da la normalidad a la disidencia. Buenos Aires: Paidós, 2008. p.93-112.

WALKERDINE, Valerie. O raciocínio em tempos pós-modernos. **Educação e Realidade**. Porto Alegre: v. 20 n.2, jul/dez 1995, 207-226.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Recebido em 24/02/2023
Aprovado em 10/03/2023